

# **Relatório de Estágio na Relógio d'Água Editores**

**Inês Gonçalves Ribeiro**

**Relatório de Estágio de Mestrado em Edição de Texto**

**Março 2016**

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à  
obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto realizado sob a orientação  
científica do Professor Fernando Cabral Martins

# **Relatório de Estágio na Relógio d'Água Editores**

**Inês Gonçalves Ribeiro**

## **RESUMO**

O presente relatório tem como objetivo descrever o estágio curricular realizado na Relógio d'Água Editores, que se concentrou principalmente na área de revisão de texto. São apresentados exemplos dos diferentes tipos de revisões efetuadas, que problemáticas apresentaram, outras pequenas tarefas realizadas e como se organiza o trabalho nesta pequena editora.

São também oferecidas algumas reflexões sobre o trabalho e qualidade do mesmo, bem como os desafios que enfrenta enquanto editora independente no mercado editorial português actual.

**PALAVRAS-CHAVE:** edição; revisão de texto; Relógio d'Água; estágio.

# **Relatório de Estágio na Relógio d'Água Editores**

**Inês Gonçalves Ribeiro**

## **ABSTRACT**

This report's goal is to describe an internship at Relógio d'Água Editores which took place during the summer of 2015, and whose primary focus was to develop proofreading skills. Different types of books that were proofread, and the problems that arose with them, are presented. Other small tasks that were undertaken during this period are also described, as is the method this particular publishing house employs to edit and publish their works.

Some notes and thoughts on this publisher's work and its quality, as well as the challenges it faces as an independent publisher in today's Portuguese publishing world.

**KEYWORDS:** publishing; proofreading; Relógio d'Água; internship.

## Índice

<b>Introdução</b>	<b>5</b>
<b>I — O estágio</b>	<b>5</b>
1.1. Revisão de obras: tipos e processos	5
1.1.1. Traduções originais	5
1.1.2. Reedições e digitalizações	5
1.1.3. Obras originais	5
1.1.4. O trabalho de revisão	5
1.2. Outras tarefas	5
<b>II — Funcionamento e organização do trabalho numa pequena editora</b>	<b>5</b>
2.1. Aquisição de obras	5
2.2. Preparação e edição	5
2.3. Distribuição, divulgação e venda	5
<b>III — A Relógio d'Água: reflexões</b>	<b>5</b>
3.1. O catálogo	5
3.2. A qualidade das traduções e revisões	5
3.3. Desafios	5
3.3.1. A divulgação	5
3.3.2. Traduções «incomuns»	5
3.3.3. A divisão do trabalho na empresa	5
3.3.4. As relações com as livrarias e o público	5
<b>Conclusão</b>	<b>5</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>5</b>
<b>Anexos</b>	<b>5</b>



## **Introdução**

O relatório que aqui apresento descreve o estágio curricular que realizei entre junho e outubro de 2015 na editora Relógio d'Água, como uma das opções propostas para completar a componente não-letiva do mestrado em Edição de Texto na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Decidi realizar o meu estágio numa editora, ao invés de num jornal ou revista, por me interessar pelo mundo do livro e por nele querer integrar-me profissionalmente. Optei pela Relógio d'Água tanto por admirar o seu trabalho, como por ser uma empresa pequena, que considerei ser mais útil para a realização de um estágio, supondo que seria acompanhada mais de perto e onde seria mais fácil esclarecer dúvidas e colocar questões à medida que estas surgissem.

Após algumas reuniões iniciais com o editor e diretor da Relógio d'Água, Francisco Vale, estabeleceram-se as funções que iria realizar — sobretudo revisão e preparação de obras literárias, mas também algumas tarefas esporádicas como pequenas traduções ou apoio geral ao trabalho do escritório —, e definiram-se os objetivos gerais do meu estágio:

- Obter uma visão global do funcionamento de uma editora;
- Acompanhar todas as fases do processo de edição de um livro — tradução, revisão, paginação, divulgação e distribuição;
- Compreender as problemáticas que ocorrem durante o processo de edição;
- Preparar obras originais e traduções para publicação (elaboração de elementos peritextuais, revisão de texto, etc.);
- Compreender como se constitui um catálogo editorial;
- Apoiar a preparação de eventos relacionados com o mundo do livro (feiras do livro, sessões de lançamento, entregas de prémios, etc.);
- Obter uma noção mais completa da articulação do trabalho da editora com livreiros, autores, tradutores, revisores, entidades culturais e com o público em geral;
- Refletir sobre os desafios e problemáticas do mundo do livro em Portugal através de uma perspetiva mais próxima ao setor editorial.

Este relatório, orientado pelo professor Fernando Cabral Martins, tem como objetivo oferecer uma reflexão sobre a Relógio d'Água, a edição de livros e o mercado editorial em Portugal, a partir da perspectiva de uma pequena editora que, não obstante as suas reduzidas dimensões, continua a ser — desde a sua inção em 1982 —, um dos maiores casos de sucesso no mercado editorial português.

Não apresentarei um relato minucioso de todas as minhas atividades, tendo optado por delinear o dia a dia da Relógio d'Água em traços gerais, mencionando, quando necessário, casos concretos para exemplificar determinadas situações. Começo, então, por analisar o trabalho de revisão, já que foi a minha atividade principal: que desafios apresenta; que diferenças existem entre várias obras literárias; como o processo de revisão difere entre estas; que fases integram a revisão de texto; como se articula com o resto do trabalho da empresa. Descrevo também outras pequenas tarefas que realizei, em menor número, como organizações de eventos.

Em seguida, descrevo o processo de preparação, edição e publicação de uma obra, desde a entrega do manuscrito até à venda nas livrarias. Por fim, ofereço uma reflexão sobre o trabalho da Relógio d'Água: a sua posição no mundo editorial em Portugal; o que considere serem pontos positivos e negativos; e alguns aspetos que considero serem possíveis melhorar.

Dado que colaborei durante pouco tempo com a Relógio d'Água — cerca de três meses, ainda que num horário a tempo inteiro —, as observações que aqui registro são, por vezes, baseadas apenas numa única situação que tenha ocorrido durante o meu estágio, pelo que não podem exemplificar o trabalho da Relógio d'Água como um todo. Porém, considero esta experiência como uma introdução ao mundo editorial português, e espero que, ao longo deste relatório, consiga transmitir fielmente as minhas opiniões e impressões do mesmo.



## **I — O estágio**

### **1.1. Revisão de obras: tipos e processos**

O estágio curricular que realizei na Relógio d'Água teve a duração aproximada de três meses — de meados de junho de 2015 a meados de outubro de 2015, tendo sido interrompido durante o mês de agosto, período em que o escritório esteve encerrado para férias. O trabalho que realizei incidiu principalmente sobre a preparação e revisão de obras a serem publicadas, mas ajudei também a realizar pequenas tarefas à medida que estas surgiam.

O meu trabalho foi orientado tanto pelo editor Francisco Vale, como pela revisora da Relógio d'Água, Anabela Prates Carvalho — sendo com ela que esclarecia dúvidas específicas que surgiam durante o processo de revisão, e com quem lidava mais frequentemente. Dediquei a maior parte do meu tempo à revisão de obras literárias, tendo revisto cerca de 20 livros no total (cf. Anexo 1). O trabalho de revisão consiste em ler atentamente um determinado texto — no meu caso, obras de ficção e não-ficção com um cariz literário —, em formato físico ou digital (no caso da Relógio d'Água as provas são impressas em papel, o que considero levar a um trabalho de qualidade superior), e assinalar erros e gralhas, propondo também alterações ao texto de forma a que este fique o mais claro possível. Estas emendas são marcadas com uma sinalética convencionada, que pode variar ligeiramente entre cada revisor (cf. Anexo 2). Cada obra apresentava problemáticas e desafios diferentes, pelo que havia sempre algo novo para aprender com cada revisão que me era atribuída.

As obras que revi podem dividir-se em três grupos: obras originais; traduções originais; e reedições de obras publicadas anteriormente, quer pela Relógio d'Água, quer por outras editoras.

#### **1.1.1. Traduções originais**

Dado que a Relógio d'Água edita uma grande quantidade de obras traduzidas, não é de espantar que a maioria das minhas revisões tenham incidido sobre traduções. A minha primeira tarefa foi rever uma tradução de *O Sol dos Mortos*, de Ivan Chmeliov, traduzido por Nina e Filipe Guerra do original russo. Não tendo quaisquer conhecimentos de russo, foi-me impossível acompanhar a revisão com o original — o que na altura me pareceu dificultar o meu trabalho. Porém, em

revisões posteriores constatei que eram as revisões de traduções de obras de língua inglesa, com a qual me sinto à vontade, as que achei serem mais difíceis e onde deixava escapar mais erros. Quando deparava com uma frase demasiado semelhante ao inglês, conseguia perceber a ideia que o tradutor queria transmitir, tanto por ter acesso ao original, como por conseguir «ouvir» a expressão inglesa por detrás da tradução portuguesa. Assim, acabava por deixar passar frases ou palavras cuja tradução estava demasiado «colada» ao original, e onde seria necessário arranjar uma alternativa que tornasse o texto mais claro e fluído para um leitor português.

Trabalhar com algumas destas traduções foi uma experiência interessantíssima. Quando lemos uma obra traduzida é, por vezes, difícil compreender se se trata ou não de uma boa tradução, já que (normalmente) não lemos o original em simultâneo. Ao rever estas traduções na sua forma «crua», pude observar de perto as escolhas que cada tradutor fazia e que, tratando-se de textos literários complexos, tornou esta oportunidade extremamente enriquecedora. Tendo pouca experiência na área da tradução, estas obras permitiram-me concluir que se trata de um trabalho mais difícil do que aparenta, e que a revisão das mesmas apresenta alguns graus de dificuldade. Concluí que, mesmo para o trabalho de revisão, é necessário dominar muitíssimo bem a língua portuguesa para se conseguir exprimir de forma clara, sem estrangeirismos e traduções demasiado diretas, as ideias e o estilo presentes no original.

Rever uma tradução apresenta algumas questões que não surgem com tanta frequência durante a revisão de um original. Em determinados casos, é necessário acompanhar a revisão com a obra original — como, por exemplo, em livros que contenham vários topónimos que não são traduzíveis (Seattle, Venice Beach, Sydney, etc.), ou uma grande quantidade de algarismos (distâncias, pesos, percentagens, etc.), e que podem conter gralhas quando o tradutor os copia para a sua tradução.

Executei algumas revisões deste tipo, uma das mais memoráveis tendo sido a de *Sem Deixar Rasto* de Jon Krakauer. Dado que se trata de um livro que relata uma expedição verídica ao Evereste, surgem inúmeras referências a distâncias e altitudes — e, sendo o autor norte-americano, todas as medidas se encontravam em milhas, pés e jardas. Como tal, era necessário verificar se o tradutor os tinha convertido corretamente para metros, e se não tinha trocado algarismos por engano, o que levava a uma revisão bastante lenta e pontuada pela conversão de

todos as medidas presentes no original. A tendência para seguir demasiado de perto o original foi uma outra dificuldade com que deparei, não só neste caso específico, mas na maioria nas traduções de obras em inglês que revi. Este hábito levava-me a concentrar-me na tradução individual de cada palavra, e quando esta não era compatível com a que eu utilizaria, o meu impulso era o de «corrigir» o que, na verdade, era uma escolha do tradutor. Assim, acabava por não me concentrar no texto como um todo e, conseqüentemente, a sua qualidade e coerência deterioravam-se. Concluí, porém, que era sempre útil ter acesso à obra original, quer para verificar rapidamente pequenas dúvidas de conteúdo, quer para corrigir lapsos dos tradutores — encontrei frequentemente frases inteiras que não tinham sido traduzidas mas cuja omissão não quebrava o sentido lógico do texto, pelo que teria sido impossível detetar a sua falta se não existisse um original para acompanhar.

### **1.1.2. Reedições e digitalizações**

O segundo tipo de revisões a que me dediquei foram as reedições de obras publicadas previamente, quer na Relógio d'Água quer noutras editoras. Neste grupo inserem-se tanto obras escritas originalmente em português, como obras traduzidas. A maioria destas revisões eram feitas a partir de digitalizações — ou seja, depois de adquiridos os direitos da obra ou da tradução, o livro é digitalizado de forma a ser criado um ficheiro de texto eletrónico que pode ser corrigido e alterado, ao invés de uma mera reprodução fotográfica de uma página. Este tipo de digitalização, porém, não é infalível. O *software* assumia frequentemente pequenas manchas de tinta como sendo caracteres, retirava ou acrescentava itálicos, não reconhecia palavras estrangeiras (substituindo-as até por palavras portuguesas), e por vezes eliminava secções inteiras de texto. Assim, era imperativo verificar constantemente a edição a partir da qual a digitalização fora efetuada para nos assegurarmos de que todas as frases não tinham elementos extra ou em falta — uma simples leitura do texto poderia não revelar omissões ou perdas de itálicos utilizados para dar ênfase, por exemplo.

Enquanto nas traduções e obras originais existe a possibilidade de esclarecer uma dúvida ou de debater uma questão com o tradutor ou autor, é improvável que o mesmo ocorra durante a revisão de uma digitalização, onde se trata de uma versão final do texto que já foi alvo de revisão, edição e publicação, e pode não

ser possível contactar o autor ou o tradutor. Tal não significa que estas edições estejam livres de erros ou gralhas que passaram despercebidos ao revisor original, pelo que continua a ser essencial ler o texto de forma atenta e crítica. Quando surgem dúvidas de um carácter que não seja meramente ortográfico e que levante problemas que não possam ser resolvidos com uma simples «limpeza» de erros, podendo vir a alterar o estilo e sentido do texto, estas são apresentadas ao editor. Oferecendo um exemplo concreto destas situações, durante o meu estágio efetuei uma primeira revisão — com o intuito de limpar erros e verificar se a digitalização não tinha alterado o texto — de *Alexandra Alpha*, publicado originalmente em 1987, da autoria de José Cardoso Pires, que faleceu em 1998. As suas obras apresentam vários «erros» propositados, tornando quase impossível distinguir um destes «erros» de uma gralha ou distração. Nesta revisão em particular, após analisar cada caso individualmente, o editor optou por manter a maioria destes «erros», para que se mantivesse intacto o estilo e intenção do autor mas, simultaneamente, limpando as gralhas óbvias — como «*Wilkommen*» em vez de «*Willkommen*» —, para a leitura do texto ser o mais cómoda possível para o leitor.

### **1.1.3. Obras originais**

O último tipo de obras que revi foram obras originais, em português, com a possibilidade de contactar o respetivo autor. Estas revisões surgiram em menor quantidade, tanto por durante o período do meu estágio estarem a ser preparadas mais obras traduzidas, como por este tipo de revisão apresentar um grau de dificuldade mais elevado, acarretando com ele uma maior responsabilidade, pelo que não me eram entregues ou, se o eram, tinha a tarefa de apenas limpar gralhas.

Nos tipos de revisões que enumerei acima existem determinados aspetos que não podem ser alterados, dado que o texto já se encontra na sua forma final — numa tradução, por exemplo, não se alteram diálogos ou o final do livro —, mas, numa obra original, é possível trabalhar com o autor para esclarecer dúvidas e sugerir alterações, já que o autor pode ler, se assim desejar, as provas revistas para aprovar ou rejeitar as alterações propostas. Nestas obras há que prestar atenção não só à ortografia e sintaxe, mas também ao enredo (se se tratar de um romance, ou outro tipo de obra de ficção), à estrutura e à coerência do texto. Porém, como mencionei, o meu trabalho não incidiu particularmente sobre estas problemáticas,

sendo estes reparos baseados no trabalho de outros colaboradores da Relógio d'Água.

#### **1.1.4. O trabalho de revisão**

Sempre que possível, os livros da Relógio d'Água são alvo de duas revisões: após a primeira revisão, as emendas propostas são introduzidas pelo departamento de paginação, as provas são novamente impressas e revistas ou pelo revisor original, ou por um segundo revisor. Fiz, principalmente, primeiras revisões durante o meu estágio na Relógio d'Água, e algumas segundas revisões ao trabalho de outro revisor — nunca efetuei uma segunda revisão do meu próprio trabalho. Também me foi atribuída com frequência a tarefa de conferir emendas — ou seja, após todas as revisões serem feitas e as emendas introduzidas no texto, cabia-me a mim verificar se as correções apontadas nas provas tinham sido devidamente introduzidas no ficheiro eletrónico final.

Considero que tanto as segundas revisões como a conferência de emendas tenham sido dos aspectos mais úteis para melhorar a qualidade do meu trabalho de revisão. Poder trabalhar com as alterações propostas por revisores mais qualificados e com mais experiência do que eu ensinou-me competências que não teria adquirido tão facilmente de outra forma — desde aperceber-me de alguns erros gramaticais que cometia sem compreender que eram erros (por exemplo, a diferença entre «sol» e «Sol», se estivermos a falar de luz solar ou do astro), a observar que tipo de alterações na estrutura das frases, vocabulário, sintaxe, etc., poderiam ser propostas numa frase que, numa primeira leitura, pensaria estar correta e na qual não teria introduzido nenhuma sugestão.

Foi também extremamente benéfico voltar a ver as «minhas» provas revistas, com os meus erros e distrações apontados. A maior dificuldade que encontrei inicialmente foi compreender quais eram os aspetos a ser corrigidos — diferenças entre porque e por que, maiúsculas, itálicos, como assinalar diálogos corretamente, etc. —, que agora me parecem bastante óbvios, mas que apenas me apercebi de que os tinha deixado «escapar» após os meus deslizes me serem apontados.

De facto, foi bastante frustrante voltar a ver algumas das primeiras revisões que fiz no início do estágio mais perto do seu final, já que deixei passar certos aspetos que agora conseguiria detetar facilmente.

## 1.2. Outras tarefas

Para além do trabalho de revisão, prestei também apoio em pequenas tarefas à medida que estas iam surgindo. Por exemplo, fiz traduções de pequenos textos e críticas, geralmente presentes nas edições originais de obras a serem traduzidas, para serem utilizadas nas contracapas das edições da Relógio d'Água (cf. Anexo 3). Realizei estas tarefas esporadicamente, mas não deixaram de ser interessantes por me oferecerem alguma experiência na área de tradução.

Ajudei também, com alguma frequência, na divulgação de novidades junto de críticos. A Relógio d'Água tem uma pequena base de dados na qual constam jornalistas, autores, comentadores de televisão e críticos literários, aos quais são enviados exemplares das novidades com o objetivo de virem a escrever ou falar sobre elas nas suas respetivas plataformas. As minhas tarefas consistiam em separar as obras a enviar por cada crítico — já que alguns se especializam em ficção infantojuvenil e outros em poesia, por exemplo, pelo que nem todos recebem automaticamente um exemplar de cada novidade —, e a empacotá-las e endereçá-las para serem distribuídas posteriormente por um estafeta.

Estive ainda envolvida na organização de dois eventos, apesar de a minha participação ter nestes sido reduzida: uma feira do livro e um lançamento. A feira foi organizada pelo Teatro Nacional D. Maria II, no âmbito das celebrações do início da sua temporada de 2015/2016. Como tal, foram vendidos apenas livros de teatro durante esta feira, na qual participavam também outras pequenas editoras como a Cotovia. Nesta ocasião, o meu apoio foi feito a partir do escritório, onde organizei e etiquetei os livros que iriam ser vendidos durante a feira com os respetivos preços.

O segundo evento em que participei foi o lançamento do livro *Celeste e Lâlinha*, de Rita Cardoso Pires, e celebração simultânea da reedição de algumas das obras de José Cardoso Pires, que teve lugar no Pavilhão Chinês. A minha participação neste evento foi mais ativa — organizei previamente o espaço, auxiliei na venda de livros durante o evento e ajudei a arrumar a sala no final. Foi uma experiência muito interessante, visto que pude conhecer vários autores, editores e jornalistas, e observar de perto o processo de organização de um lançamento.

## **II — Funcionamento e organização do trabalho numa pequena editora**

Ainda que não tenham surgido outros eventos em que pudesse participar mais ativamente durante o meu estágio, e mesmo tendo pouca diversidade dentro das minhas tarefas diárias, pude acompanhar o trabalho dos restantes trabalhadores, o que me ajudou a compreender como funciona verdadeiramente uma editora — ou, pelo menos, como funciona uma pequena editora como a Relógio d'Água —, um elemento que, compreensivelmente, não consta do programa da componente letiva deste mestrado, já que o processo de edição varia em cada editora. Apesar de não ter lidado diretamente com todas as fases na produção de um livro, ao presenciá-las e colocando questões frequentes aos colaboradores da Relógio d'Água, consegui aprender imenso sobre a estrutura e distribuição do trabalho numa pequena editora, e que passos se devem seguir para criar, distribuir e vender um livro. Detalharei, abaixo, o processo de edição e produção de uma obra original — ou seja, que não tenha sido publicada previamente em Portugal, quer se trate de um original ou de uma tradução —, tendo sempre em mente que cada editora o realiza de forma diferente, pelo que não é possível considerar o método da Relógio d'Água como a única forma de produzir um livro.

### **2.1. Aquisição de obras**

A decisão de que livros editar começa com o editor, que toma conhecimento de obras com interesse para a editora através de várias fontes: originais submetidos por autores, obras que estejam a ser muito discutidas na imprensa internacional — no caso de se tratar de uma obra escrita numa língua estrangeira —, sugestões por parte de autores, tradutores ou outras fontes de confiança, livros recentemente galardoados, etc. Após esta tomada de conhecimento inicial, a obra ou o manuscrito são lidos, geralmente pelo editor, e é decidido se estes se enquadram no catálogo da editora, e se serão viáveis a um nível comercial.

Escolhida a obra a publicar, há que adquirir os seus direitos e redigir os contratos a serem assinados pelas várias partes envolvidas — uma função que, na Relógio d'Água, compete à assistente editorial Michelle Dias. Os direitos são adquiridos em regime de exclusividade (no caso de uma obra estrangeira, adquirem-se os direitos de tradução para a língua portuguesa), durante um determinado período de

tempo que, após o seu término, poderá ser renovado — se, claro, a obra ainda for relevante e de interesse para a editora. Tanto no caso de obras nacionais como estrangeiras, redige-se e assina-se um contrato com o autor, que estipula qual o montante a receber pelos direitos de publicação da sua obra (poderá ser um preço fixo ou uma percentagem de cada cópia vendida, por exemplo), e define outros aspetos que possam ser importantes (como o número de exemplares que o autor receberá gratuitamente). Quando aplicável, redige-se também um contrato semelhante com os tradutores, que dita o período de tempo durante o qual a editora pode publicar e vender a sua tradução, e que, à semelhança do contrato com os autores, pode ser renovada. É comum uma editora adquirir obras já traduzidas e publicadas anteriormente por outras editoras, mas cujos direitos já tenham expirado e não lhes estejam associados.

Geralmente, quando se trata de obras estrangeiras, o contacto é feito com a agência literária que representa o autor, enquanto a nível nacional, é mais frequente lidar diretamente com o autor, tradutor ou um representante direto — como um assistente pessoal, por exemplo.

## **2.2. Preparação e edição**

Em seguida, após a receção do original ou da tradução, o livro é paginado e inicia-se o processo de revisão, que não irei descrever em detalhe, tendo já enumerado os passos que o integram na secção anterior. Em simultâneo, elaboram-se várias capas e contracapas para serem apresentadas ao editor, que decide qual será a versão final a ser utilizada. Assim que esta é escolhida, é enviada para uma das gráficas com a quais a Relógio d'Água colabora regularmente, que produz uma prova de cor. Esta prova é então aprovada — ou desaprovada — pelo editor, capista e revisora.

Nesta fase, também o texto deverá já estar revisto, com emendas introduzidas e conferidas. A gráfica combina então a capa final e o miolo do texto para produzir um *ozalide* — ou seja, o texto paginado e impresso no número final de cadernos —, que é entregue em formato físico à assistente editorial da Relógio d'Água para verificar pequenos elementos de organização e estrutura como, por exemplo, se o número de páginas enumeradas no índice correspondem às páginas corretas do livro, se a ordem das notas de rodapé e notas finais está certa e se têm correspondência no corpo do texto, etc. Não existindo anomalias ou mais



problemas a serem resolvidos, o livro está pronto para ser impresso, e é enviada uma versão digital final do mesmo para a gráfica.

### **2.3. Distribuição, divulgação e venda**

Após a impressão do livro, a maior parte da tiragem é entregue no armazém da Relógio d'Água, onde o departamento de logística assegurará a sua distribuição pelas livrarias. É também a partir do armazém que se respondem aos pedidos individuais de clientes e livrarias. Uma pequena quantidade é entregue na sede, onde se mantêm alguns exemplares para venda espontânea ao público e para serem enviados a críticos, autores, agentes e tradutores.

A divulgação da novidade é feita através das redes sociais da Relógio d'Água — na sua página no *Facebook*, conta no *Twitter*, no *blog*, *website* e *newsletter* mensal. A Relógio d'Água conta também com dois vendedores, um em Lisboa e outro no Porto, que estão encarregues tanto de apresentar as novidades às livrarias, como de reforçar o interesse em títulos mais antigos que, por motivos como uma adaptação cinematográfica recente ou a nomeação para um prémio literário, possam suscitar um interesse renovado no público.

A maioria das tarefas diárias de todos os membros da equipa estão, geralmente, ligados de alguma forma a este processo. Porém, em determinadas alturas do ano, surgem tarefas diferentes e de um carácter mais público, tal como a organização de lançamentos, ou a Feira do Livro de Lisboa, que requer a mobilização de quase toda a equipa da Relógio d'Água.

### **III — A Relógio d'Água: reflexões**

O tempo que passei na Relógio d'Água fez com que tivesse presenciado várias situações inerentes ao quotidiano de uma editora e com que ganhasse conhecimentos sobre o seu modo de trabalho. Assim, é-me possível fazer algumas observações sobre o seu funcionamento e as impressões com que dele fiquei, bem como analisar a sua posição no mercado editorial português e os problemas que daí advêm. Apresento, como tal, as reflexões que se formaram sobre estes tópicos, ao longo do meu estágio, nesta secção.

A Relógio d'Água Editores é uma das editoras independentes (por independentes compreende-se que não está inserida em nenhum grupo editorial, como a Leya ou a Porto Editora) mais bem-sucedidas de Portugal. Desde o início da sua atividade na década de oitenta que tem vindo a ser reconhecida no mercado português e lusófono (especialmente no Brasil) como uma editora de referência e cujo trabalho é de uma qualidade excecional.

#### **3.1. O catálogo**

Apesar de enfrentar algumas dificuldades económicas — como, aliás, quase todo o setor editorial em Portugal — a Relógio d'Água continua a ser apreciada pelos leitores sobretudo pela qualidade das suas obras. Apesar de já admirar o seu trabalho há vários anos, após ter realizado este curto estágio e ter colaborado de forma mais próxima com a «matéria-prima» (ou seja, os originais antes de receberem qualquer tipo de tratamento por parte da editora), posso atestar que a qualidade das obras que são produzidas pela Relógio d'Água é superior à média das que estão disponíveis no mercado português.

Começando pelo essencial, por aquilo que define uma editora: o seu catálogo. O catálogo da Relógio d'Água é extremamente diverso e interessante; contém obras de ficção nacional e estrangeira, coleções de ensaios, poesia, literatura de viagens, policiais, livros sobre ciência, filosofia, política, economia e até literatura infantojuvenil. A Relógio d'Água edita grandes clássicos da literatura nacional e internacional — desde Tolstói, Dostoiévski e Virginia Woolf a José Cardoso Pires e Fernando Pessoa —, mas aposta também em autores contemporâneos — sendo Elena Ferrante, Michel Faber e Jenny Offill alguns exemplos.

Um catálogo sólido, por si só, não valeria de muito se os livros que nele constam não fossem cuidadosamente tratados e editados. Na minha opinião, e na de outros leitores assíduos de obras da Relógio d'Água, as boas traduções, a revisão minuciosa e as capas bem estruturadas e desenhadas são os principais atrativos que nos levam a preferir uma obra da Relógio d'Água a uma de outra editora.

### **3.2. A qualidade das traduções e revisões**

As traduções editadas pela Relógio d'Água são, em geral, extremamente fortes. Não existe, de momento, nenhum tradutor que trabalhe diretamente na Relógio d'Água, sendo as traduções encomendadas a tradutores externos. Os tradutores que colaboram com a Relógio d'Água são profissionais de grande qualidade e que produzem excelentes traduções, tais como Margarida Periquito, Margarida Vale de Gato, Paulo Faria, João Barrento e Nina e Filipe Guerra. Como me foi possível ter o privilégio de rever o trabalho de alguns destes tradutores, fiquei ainda mais impressionada com o domínio que exercem tanto sobre a língua de partida (a língua da qual estão a traduzir), como sobre a língua de chegada (neste caso, a língua portuguesa).

Ao contactar com estas traduções na sua forma mais «crua», apercebi-me de que o trabalho de tradução é muito mais complexo do que imaginara originalmente, sobretudo quando se trata de textos literários. É essencial preservar não só o sentido original de cada palavra, como manter intacta a voz do autor e o seu estilo pessoal, bem como «traduzir» questões culturais e históricas e, em alguns casos, até a pontuação. Tudo isto tem de ser feito de forma a que a tradução final faça sentido e seja harmoniosa quando lida em português — não deve ser demasiado literal, mas também não deve ser livre ao ponto de fazer com que a obra original seja irreconhecível na tradução final.

No caso da Relógio d'Água, as traduções são enriquecidas e melhoradas pelo excelente trabalho da sua revisora, Anabela Prates Carvalho. Apesar de a Relógio d'Água trabalhar com alguns revisores externos, a Anabela está encarregue da maior parte das revisões. Como o meu estágio na Relógio d'Água incidiu particularmente sobre a revisão, tive a oportunidade de observar o seu trabalho de perto, e conferi que além de corrigir gralhas e pequenos erros que a mim me passariam despercebidos, muitas vezes sugeria alterações ao texto que o

enriqueciam e facilitavam a sua leitura. À primeira vista, estas não pareciam ser indispensáveis, mas aumentavam bastante a qualidade do produto final.

### **3.3. Desafios**

Porém se, até agora, exaltei as virtudes da Relógio d'Água e das suas obras, não posso deixar de apontar aquilo que considero serem os seus defeitos e aspetos que poderiam ser melhorados — na minha opinião, claro está, e admito que é mais simples enumerar estas «falhas» do que resolvê-las. Considero que este tenha sido um dos aspetos mais interessantes de ter realizado o meu estágio numa editora que, durante anos, ocupou na minha mente uma posição de destaque em relação a todas as outras no mercado português. Apesar de a Relógio d'Água ser um negócio com uma vertente cultural, é, em primeiro lugar, um negócio. Só depois pode ser caracterizada como um veículo para difusão de arte e cultura. Tal como todos os negócios, tem de lidar com preocupações materiais como gestão de economias, problemas de logística, organização do trabalho, gestão de pessoal, etc. É um local de trabalho, onde nem sempre tudo corre como esperado e onde, por vezes, se têm de fazer concessões.

#### **3.3.1. A divulgação**

Na minha opinião pessoal, uma grande lacuna no trabalho da Relógio d'Água é o quão pouco as suas novidades são divulgadas. Apesar de cada novidade que é publicada ser enviada para críticos, como já mencionei anteriormente, pouco mais é feito para se apresentar e introduzir o livro ao público geral. A não ser que o leitor esteja atento ao *website* e à página do *Facebook* da Relógio d'Água, é provável que um livro lançado recentemente lhe passe despercebido. Penso que seria proveitoso realizarem-se mais lançamentos de livros, com a presença do autor ou tradutor quando possível, que poderiam discutir o seu trabalho e responder a perguntas do público. Estes lançamentos, além de atraírem um público interessado e de divulgarem a obra em questão, são também uma excelente oportunidade para vender alguns livros — tanto da obra sobre a qual o lançamento incide, como outras do mesmo autor publicadas anteriormente, se tal se aplicar —, já que a curiosidade do público fica despertada, e é mais provável que adquiram um exemplar no momento, beneficiando de um preço especial de lançamento, do que alguns dias mais tarde.

Além de lançamentos, penso que seria uma boa ideia existir uma associação mais forte com entidades culturais — como, por exemplo, teatros ou cinemas. Apesar de a Relógio d'Água participar em alguns eventos culturais como festivais literários ou feiras do livro organizadas por terceiros, estes convites surgem de outras entidades, sendo raro a iniciativa surgir por parte da Relógio d'Água. Apesar de ter uma presença forte na maioria das livrarias, a verdade é que estas vendem apenas uma pequena parte do seu catálogo, e seria benéfico realizarem-se atividades que dessem a conhecer tanto as obras mais recentes como outros autores que a Relógio d'Água publica ao maior número de leitores possível, não deixando o acaso decidir que livros alcançam o público.

### **3.3.2. Traduções «incomuns»**

Outro aspeto que considero ser possível de melhorar prende-se com as traduções de obras inicialmente escritas em línguas ditas «incomuns». Apesar de, como já mencionei, as traduções da Relógio d'Água serem ótimas, a verdade é que a maior parte das obras escritas nestas línguas — como, por exemplo, o japonês, norueguês, sueco, etc. — não são traduzidas a partir do original, mas sim de uma tradução francesa ou inglesa publicada anteriormente. Na minha opinião, o produto final destas «segundas traduções» é, na maior parte dos casos, inferior à da tradução direta da língua original, dado que: há que confiar que a tradução a partir da qual se está a trabalhar tenha, em si, qualidade e respeite o original; e se numa tradução «normal» desaparecem pequenas subtilezas do texto, numa «segunda tradução», tal acontece acontece com mais força ainda.

Existe, em Portugal, alguma falta de traduções de qualidade de obras provenientes de determinadas partes do mundo (sobretudo de países africanos, asiáticos e escandinavos), e, apesar de editoras como a Cavalo de Ferro terem um excelente catálogo composto por traduções de obras destes países, a Relógio d'Água edita obras de Junichiro Tanizaki, Yukio Mishima, Karl Knausgaard, Selma Lagerlöf e Tove Jansson que, pessoalmente, julgo terem sido oportunidades perdidas para introduzir traduções originais no mercado português.

Esta situação em particular é, como muitas outras com as quais o mercado editorial tem de lidar, uma espada de dois gumes. Se um aumento no interesse por parte do público justificasse uma aposta neste tipo de traduções, a qualidade das mesmas seria, inevitavelmente, inferior à que se está à espera de uma edição da

Relógio d'Água, dado que existem poucos tradutores que tanto sejam fluentes nesta língua de partida «incomum», como consigam escrever de forma harmoniosa em português — será este o motivo para não encomendar uma tradução a um professor de mandarim que faça muitos erros ao escrever em português, apesar de, obviamente, conseguir dominar perfeitamente a sua língua materna.

Assim, e como já aconteceu no passado na Relógio d'Água, uma tradução encomendada a um destes tradutores menos fluentes no português acaba por ter de ser alvo de um grande trabalho de revisão. Neste tipo de revisões, o objetivo principal é tornar o texto em português mais fluente, menos próximo da língua de partida, e menos repetitivo. Como observei ao longo do meu estágio, estes tradutores têm, geralmente, alguma dificuldade em traduzir o texto original sem utilizarem constantemente as mesmas palavras — um exemplo de que o problema se prende com a falta de vocabulário e «fluência» na língua portuguesa, à qual não se dá tanta importância quando se consideram as capacidades de um tradutor, do que com uma falta de capacidade de compreenderem o original. Como tal, terá de ser o revisor, ignorando o original, a transformar o texto para este não só estar corretamente traduzido, como para ser interessante e harmonioso. Esta situação acaba por atrasar o processo de edição e publicação mais do que seria desejável, o que aumenta o custo final da tradução para a editora — e não produz uma obra com o nível de qualidade habitual — pelo que a Relógio d'Água acaba não só por optar por estas «segundas traduções», como por trabalhar com o mesmo pequeno grupo de tradutores de confiança e com os quais colabora há vários anos, ao invés de procurar novos tradutores com outras capacidades.

### **3.3.3. A divisão do trabalho na empresa**

Apesar de se destacar no mercado editorial português como uma editora independente de sucesso, a Relógio d'Água enfrenta inúmeros desafios que se colocam também à maioria das editoras portuguesas. No caso específico da Relógio d'Água, constatei que a equipa é demasiado reduzida para o volume de trabalho existente, sobretudo no departamento de distribuição. Este é composto por apenas seis pessoas que entregam os livros nas grandes superfícies comerciais e livrarias de todo o país, além de realizarem outras tarefas como o envio das encomendas feitas pelos clientes através do *website* da Relógio d'Água e a recolha

das devoluções nas livrarias. Assim, existem regularmente alguns atrasos no envio dos pedidos e encomendas, o que prejudica o nível de vendas.

A equipa no escritório da Relógio d'Água é composta por outras seis pessoas, que muitas vezes se «desdobram» e interrompem tarefas para começarem outras mais urgentes, sendo as primeiras são muitas vezes retomadas por outra pessoa, o que quebra a continuidade do trabalho e diminui a sua qualidade, especialmente na revisão — já que é impossível conhecer o texto tão profundamente quando se pega numa prova parcialmente revista sem ter a oportunidade de a ler desde o início. Os prazos apertados, impostos frequentemente por fatores externos como a estreia de um filme, peça ou simples relevância temporal de uma obra, obriga a que o tratamento do original seja feito muito rapidamente, o que nem sempre leva aos melhores resultados. Esta situação aplica-se especialmente ao departamento de revisão, já que apenas um dos membros da equipa se dedica à revisão a tempo inteiro.

### **3.3.4. As relações com as livrarias e o público**

Também a relação com as livrarias é, por vezes, problemática — sejam elas pequenos estabelecimentos independentes ou parte de uma grande cadeira comercial. Como muitas editoras portuguesas, a Relógio d'Água vende a maioria dos seus livros num regime de consignação — tal significa que a livraria encomenda os livros que deseja vender na sua loja, beneficiando de um desconto sobre o preço de capa, mas só os paga após a sua venda ao público —, o que permite que as livrarias devolvam os exemplares que não conseguiram vender. Surgem assim, com alguma frequência, vários problemas: em primeiro lugar, é normal que as livrarias devolvam as obras encomendadas pouco tempo depois de as terem recebido. Assisti, durante o tempo que passei na Relógio d'Água, à devolução de encomendas apenas duas semanas após os produtos terem sido colocados à venda. Em segundo lugar, existem muitas livrarias que não saldaram as suas dívidas. Nestas situações, a Relógio d'Água suspende o fornecimento de novas encomendas até as contas estarem equilibradas, mas continua a ser um impacto negativo e desnecessário na economia da empresa.

Esta última questão advém principalmente das pequenas livrarias, mas as grandes cadeias como a Fnac, a Bertrand e os hipermercados — apesar de mais fiáveis no pagamento — apresentam outros problemas para uma pequena editora

como a Relógio d'Água. É certo que compram quantidades muito superiores às das pequenas livrarias, mas os livros são-lhes vendidos com descontos muito superiores (entre 35 a 60 %, geralmente), o que reduz drasticamente os lucros da editora. São mais impacientes e efetuam devoluções rapidamente, e os livros que expõem mais proeminentemente nas suas prateleiras são, normalmente, de uma natureza mais comercial do que o catálogo da Relógio d'Água oferece, o que reduz a presença da editora perante os leitores.

De facto, um dos maiores entraves ao crescimento da Relógio d'Água talvez seja, na minha opinião, a dificuldade de acesso ao catálogo completo por parte dos clientes. Apesar de existir uma plataforma *online* no *website* da Relógio d'Água para a compra de livros, na qual se pode encomendar qualquer livro que esteja em *stock*, não é muito intuitiva — porém, este é um ponto que está a ser alvo de melhoria, visto que se planeia lançar um novo *website* em breve. Porém, muitos clientes continuam a preferir manusear os livros fisicamente antes de os adquirir. Naturalmente, nenhuma livraria se pode dar ao luxo de vender apenas livros da Relógio d'Água, mas até mesmo obras mais recentes são por vezes difíceis de encontrar em superfícies comerciais, pelo que muitos clientes optam por ser deslocarem até ao escritório para adquirirem o que procuram. Esta não é uma situação ideal, dado que a sede tem um espaço limitado e não pode ter um exemplar de todos os títulos editados. Esta situação assemelha-se mais a um ponto de recolha do que a uma livraria: os clientes ligam para a sede e colocam o seu pedido; em seguida, efetua-se o contacto com o armazém, que entrega um exemplar alguns dias mais tarde; contacta-se novamente o cliente, que então se desloca à sede para adquirir o livro. Tal significa que não só o cliente precisa de saber que esta é uma opção viável para encontrar os livros que procura, e não existe nenhuma informação no *website* que a publicite, como tem de ter uma ideia definida da obra que deseja e não existe uma possibilidade de manusearem e explorarem as obras da editora pessoalmente.

Porém, a Relógio d'Água planeia abrir uma livraria na área de Lisboa, o que considero ser uma jogada excelente. Uma livraria resolveria alguns dos desafios que enumerei atrás e, avaliando o enorme sucesso que a Feira do Livro de Lisboa representa todos os anos para a Relógio d'Água, seria uma opção viável e traria certamente muito sucesso à empresa — o lucro seria superior por não terem de oferecer nenhum desconto à livraria, existiriam menos problemas ligados às



distribuições e devoluções, e facilitaria o acesso do público, pelo menos o público lisboeta, a uma grande parte do catálogo.

Apesar de ter sido um pouco crítica para com a Relógio d'Água, reconheço que tenha sido mais fácil apontar os seus problemas do que resolvê-los. Continuo a ter a opinião de que se trata de uma das melhores editoras do nosso país e que o seu trabalho é extremamente importante para que se continuem a editar obras interessantes e de qualidade. É precisamente por isso que sinto ser tão importante melhorar, sempre que possível, estas pequenas falhas — para que a empresa prospere, cresça e possa continuar a realizar um trabalho de disseminação cultural e a oferecer uma pluralidade de obras como o tem feito desde a década de oitenta até à atualidade.

## Conclusão

Em geral, faço um balanço muito positivo do meu tempo na Relógio d'Água. Considero que a realização deste estágio tenha sido um complemento essencial à componente letiva do mestrado em Edição de Texto, já que me permitiu contextualizar, em situações reais, os conhecimentos teóricos discutidos durante as aulas.

Ao longo deste relatório fui apontando os aspetos que me pareceram serem os mais benéficos deste estágio — a prática de revisão de texto; o contacto com autores, tradutores e outros profissionais da indústria; e compreender como se organiza e estrutura o trabalho numa editora. Terá sido este último ponto que considero ter acrescentado mais valor ao meu estágio. De facto, sinto que esta era uma dúvida para a qual não tinha obtido uma resposta durante a componente letiva. Apesar de agora me parecer óbvio como funciona uma editora e como se edita um livro, tive de, inicialmente, colocar imensas perguntas aos funcionários da Relógio d'Água até sentir que conseguia identificar todos os passos necessários para editar um livro.

Também o contacto mais íntimo com o catálogo de uma editora teria sido impossível sem realizar este estágio, e ter esta proximidade fez com que me fosse possível ter uma noção mais concreta e factual de assuntos que foram discutidos durante as aulas — que livros são bem-sucedidos; quais os que conferem valor cultural e prestígio à editora, mas que vendem poucos exemplares; quais os que se julgavam ser um *best-seller* e que acabam por não receber grande atenção comercial; o que «vende» e o que «não vende»; e como se decidem que obras irão integrar o catálogo. Este tipo de conhecimento é, na minha opinião, extremamente valioso e é difícil aceder-lhe sem trabalhar diretamente com uma editora.

Constatei ainda que a qualidade do meu trabalho enquanto revisora aumentou consideravelmente com cada obra que revi. A diversidade dos textos que me foram atribuídos fizeram com que lidasse com problemáticas e situações diferentes, levando a um aumento do meu conhecimento não só da sinalética utilizada no trabalho de revisão, como de questões gramáticas e linguísticas presentes na língua portuguesa. Este trabalho aguçou também o meu olhar crítico, o que fez com que hoje efetue uma leitura ainda mais próxima e cuidada de qualquer texto que leia.

Porém, considero que alguns elementos ficaram um pouco aquém do esperado. Como disse, pude observar o dia a dia da empresa — mas apenas à distância, já que as minhas tarefas recaíam quase exclusivamente sobre o trabalho de revisão. Apesar de ser um trabalho ao qual me adequei e de que gostei, sinto que teria sido proveitoso ter acompanhado mais proximamente, ou até realizado, tarefas como a elaboração de contractos, que considero serem vitais para serem aplicadas num contexto profissional.

Em conclusão, o estágio que aqui descrevi foi, sem dúvida, uma mais-valia para a minha formação académica, profissional e pessoal. Sinto que pude consolidar e aplicar os conhecimentos teóricos que fui adquirindo ao longo da minha formação académica, e que me preparou para integrar o mercado de trabalho com confiança.

## **Bibliografia**

CHMELIOV, Ivan, *O Sol dos Mortos*, Lisboa, Relógio d'Água, 2015.

KRAKAUER, Jon, *Sem Deixar Rasto*, Lisboa, Relógio d'Água, 2015.

PINTO, José M. de Castro, *Novo Prontuário Ortográfico*, Lisboa, Plátano Editora, 2011.

PIRES, José Cardoso, *Alexandra Alpha*, Lisboa, Relógio d'Água, 2015.

VALE, Francisco, *Autores, Editores e Leitores*, Lisboa, Relógio d'Água, 2009.

## Anexos

### Anexo 1 — Lista de obras revistas

1. *O Sol dos Mortos* — Ivan Chmeliov (tr. or. Nina e Filipe Guerra)
2. *Cinco Escritos Morais* — Umberto Eco (dig.)
3. *Alexandra Alpha* — José Cardoso Pires (dig.)
4. *A Casa Eterna* — Hélia Correia (reed.)
5. *Lillias Fraser* — Hélia Correia (reed.)
6. *Nikolai Gogol* — Vladimir Nabokov (dig.)
7. *Sobre os Espelhos e Outros Ensaaios* — Umberto Eco (dig.)
8. *Em Movimento* — Oliver Sacks (tr. or. José Miguel Silva)
9. *Intimidade* — Hanif Kureishi (tr. or. Inês Dias)
10. *A Arte da Guerra* — Sun Tzu (reed.)
11. *Elogio da Sombra* — Junichiro Tanizaki (reed.)
12. *O Meu Inimigo Mortal* — Willa Cather (reed.)
13. *Cinco Conferências Sobre Psicanálise* — Sigmund Freud (reed.)
14. *Sem Deixar Rasto* — Jon Krakauer (tr. or. José Vieira de Lima)
15. *Ricardo III* — William Shakespeare (tr. or. Rui Carvalho Homem)
16. *História de Quem Vai e de Quem Fica* — Elena Ferrante (tr. or. Margarida Periquito)
17. *Ripley Debaixo de Terra* — Patricia Highsmith (dig.)
18. *O Livro de Cozinha de Apício* — Inês de Ornellas e Castro (reed.)
19. *A Casa das Sombras* — Ana Teresa Pereira (reed.)
20. *A Casa em Paris* — Elizabeth Bowen (tr. or. Ana Maria Chaves)
21. *Do Comer e do Falar... Tudo Vai do Começar* — Ana Marques Pereira e Maria da Graça Pericão (or.)

### Legenda

tr. or. — tradução original

dig. — obra digitalizada

reed. — reedição

or. — obra original

## REVISÃO DE PROVAS

### PROVAS A EMENDAR

#### Buscando Profissão

Com efeito, Assim aconteceu: assentei pra-  
ça no ano de 1781. Pouco tempo antes, a rai-  
nha D. Maria I criara a Academia Real da Mari-  
nha, que corresponde atualmente ao Ensino  
Superior da Marinha. Entusiasmei-me então  
com a ideia de seguir seguir pisadas de meu  
avô francês, Antoine du Bocage, e inscrevi-me  
no curso de Guardas-Marinhas, da Academia  
Real da Marinha. Este tinha curso a duração  
de três anos e constava das seguintes disci-  
plinas: 1.º ano – Aritmética, Al-  
gebra e Trigonometria Plana; 2.º ano – Ál-  
gebra, Cálculo e Mecânica; 3.º ano – Trigonometria  
Esférica e Náutica.

A Academia funcionava no antigo  
Colégio dos Nobres, em Lisboa. E portanto  
tive de me deslocar para a capital. Fiz o curso  
com bom aproveitamento, ao longo dos  
três anos. Mas, como sempre fui amigo da pa-  
ródia, eu e os meus colegas íamos muitas  
vezes até ao Rossio, onde se situavam o Café  
Nicola e o Botequim das Parras, os dois mais  
afamados locais para a boémia.

Comecei a então famoso ficar porque, co-  
mo poeta, era um grande improvisador de  
glosas.

Era assim: davam-me duas três palavras,  
ou uma pequena a partir daí, eu rapidamente  
apresentava um poema.

PINTO, J. M. de Castro, Chamo-me Bocage

c.a.)	caixa alta (maiúsculas)
c.b.)	caixa baixa (minúscula)
e/	letra para eliminar
de/	letra para acrescentar
fin	fino
red.	redondo
e/	palavra para eliminar
bold	bold (= negrito ou negro)
#/	separar palavras / juntar
~	inverter a ordem
g/	eliminar / acrescentar
z	continuar na mesma linha
e/	eleva a letra e corpo menor
cl	linha saída para recolher
	regular espaços
cl	linha recolhida para sair
∫	abrir parágrafo
	reduzir espaços
va/	emenda sem efeito
o/	emendar letras diferentes
+	reduzir espaço entre linhas
#/	aumentar espaço entre linhas
e/	eliminar e unir
~	palavras fora de ordem
o/	eliminar / acrescentar
it	colocar em itálico
z	eliminar parágrafo
fa/	falta texto <sup>(1)</sup>
uu	espaços grandes entre letras
INTO	versaletes (= letra menores)

<sup>(1)</sup> Quando há grande falta de texto é preferível escrever: ver provas anteriores, pág. ...

## PROVAS EMENDADAS

**Outros sinais que podem ser usados:**

⌊ em vez de ∑ para mandar abrir parágrafo.  
Às vezes também se junta § para ficar mais claro.

≡ por baixo de letras também significa passar a maiúscula: joão: João.

← Diminuir o espaço entre linhas.

→ Aumentar o espaço entre linhas.

laaa ilegível  
Original ilegível, marcando essa parte com às iguais.

⊗ ou ⊠  
Números ilegíveis.

~ ~ ~ ~ ~  
Letras desalinhadas.

×  
Alinhamento de espaço ou entrelinha levantado.

∪  
Caracteres únicos com duas letras. Por ex.: œillet: œillet.

∪ ∪ ∪ ∪  
Letras sujas, marcando as letras por baixo, e assinalando também à margem.

Índice: a<sub>2</sub>; expoente: a<sup>2</sup>

### Buscando uma profissão

Com efeito, assim aconteceu: assentei praça no ano de 1781. Pouco tempo antes, a rainha D. Maria I criara a Academia Real da Marinha, que corresponde atualmente ao Ensino Superior da Marinha. Entusiasmei-me então com a ideia de seguir as pisadas de meu avô francês, **Antoine du Bocage**, e inscrevi-me no curso de Guardas-Marinhas, da Academia Real da Marinha. Este curso tinha a duração de três anos e constava das seguintes disciplinas: 1.º ano – Aritmética, Álgebra e Trigonometria Plana; 2.º ano – Álgebra, Cálculo e Mecânica; 3.º ano – Trigonometria Esférica e Náutica.

A Academia funcionava no antigo Colégio dos Nobres, em Lisboa. E portanto tive de me deslocar para a capital.

Fiz o curso com bom aproveitamento, ao longo dos três anos. Mas, como sempre fui amigo da paródia, a vida agitada de Lisboa seduzia-me. Eu e os meus colegas íamos muitas vezes até ao Rossio, onde se situavam o Café Nicola e o Botequim das Parras, os dois mais afamados locais para a boémia.

Comecei então a ficar famoso porque, como poeta, era um grande improvisador de glosas. Era assim: davam-me duas ou três palavras, ou uma pequena frase e, a partir daí, eu rapidamente apresentava um poema.

PINTO, J. M. de Castro, *Chamo-me Bocage*

### Anexo 3 — Exemplo de tradução de pequenos textos

'It is the saddest night, for I am leaving and not coming back.' So begins Jay in Hanif Kureishi's coruscating story of the end of a relationship.

'It is by far the most astute and painful dissection of male sexual restlessness that I've read... The dialogue is shattering and there's a blunt refusal to compromise or be fastidious... Telling the truth is always a precarious business, but Kureishi does it with seriousness, tenderness and upsetting aplomb.' *Mail on Sunday*

'If, as John Updike says, the duty of a writer is to deliver what he thinks is true, then Kureishi has succeeded: the honesty here is excoriating.' *Observer*

'He has a rare and precious gift for character.' *Independent*

'Intimacy speaks to, and for, a lost generation of men: those shaped by the Sixties, disoriented by the Eighties and bereft of a personal and political map in the Nineties.' *Independent on Sunday*

*Handwritten: D. Kureishi*  
«É a noite mais triste, pois estou a ir-me embora e a não voltar» Assim inicia Jay a história ~~coruscante~~ *Handwritten: fulgurante* de Hanif Kureishi sobre o fim de uma relação.

«É de longe a dissecação mais astuta e dolorosa da inquietação sexual masculina que já li... O diálogo é devastador e existe uma rejeição forte de concessões ou ~~de concessões~~ *Handwritten: que é* fastidioso... Contar a verdade é sempre um assunto perigoso, mas Kureishi fá-lo com seriedade, ternura e um à-vontade perturbador.» *Mail on Sunday*

«Se, como diz John Updike, o dever de um escritor é apresentar aquilo que acha ser verdadeiro, então Kureishi foi bem-sucedido: a honestidade aqui presente é impiedosa.» *Observer*

«[Kureishi] tem um dom raro e precioso para explorar o carácter.» *Independent*

«Intimidade fala raro e rare: uma narrativa nascida da honestidade *Handwritten: que é* ~~de honestidade~~ *Handwritten: para Kureishi*



#### Anexo 4 — Exemplos de provas de *Sem Deixar Rasto* de Jon Krakauer

de lixo cheio de latas vazias e restos de comida, o rosto colado ao triplexiglas.

Reconheci imediatamente a enorme e esparramada massa do Karachungpa, 8586 metros acima do nível do mar, a terceira montanha mais alta do mundo. Um quarto de hora depois, surgiu o Makalu, quinto pico mais alto do mundo, e, por fim, o inconfundível perfil do Everest.

A cunha negra da pirâmide do cume destacava-se claramente, erguendo-se acima dos montes circundantes. O pico abria uma brecha visível no vendaval de cento e vinte nós, produzindo um penacho de cristais de gelo que ondeava para leste como um enorme lenço de seda. Enquanto observava a esteira do vapor, ocorreu-me que o cume do Everest estava exatamente à mesma altitude que o avião que me transportava pelos céus. O facto de me propor subir à altitude de cruzeiro de um Airbus 300 pareceu-me, nesse instante, uma ideia absurda, ou pior. Tinha as palmas das mãos húmidas e frias.

Quarenta minutos depois, pisava Katmandu. Ao entrar no átrio do aeroporto, depois de ter passado pela alfândega, um jovem bem constituído e bem barbeado reparou nos meus dois enormes sacos de lona e abeirou-se de mim. «O senhor deve ser o Jon, suponho?», perguntou ele com o seu melodioso ~~acento~~ neozelandês, enquanto consultava uma folha com fotocópias das fotos dos passaportes de todos os clientes de Rob Hall. Cumprimentou-me, apresentou-se como Andy Harris, um dos guias de Hall, e disse-me que me ia acompanhar ao hotel

Harris, que tinha trinta e um anos, explicou-me que, no mesmo voo de Bangucoque, devia vir um outro cliente, um advogado de Bloomfield Hills, no Michigan, chamado Lou Kasischke. Este acabou por demorar uma hora a encontrar a sua bagagem, de modo que, enquanto esperávamos, Andy e eu conversámos sobre alguns picos difíceis que escaláramos no oeste do Canadá e comparámos os méritos do esquí com os do *snowboard*. A notória avidez de Andy pela escalada e o seu puro entusiasmo pelas montanhas levaram-me a sentir saudades de

ta que



cabelo prateado e uma circunspeção aristocrática — ter surgido da fila da alfândega, perguntei a Andy quantas vezes estivera no Everest. «Na realidade», confessou ele, todo animado, «esta será a primeira, tal como acontece consigo. Vai ser interessante ver como é que me dou lá em cima.»

Hall tinha-nos reservado quartos no Hotel Garuda, um estabelecimento acolhedor e buliçoso no coração de Thamel, o frenético bairro turístico de Katmandu, situado numa rua estreita apinhada de riquexós e vendedores ambulantes. Sendo há muito tempo um hotel popular entre os participantes nas expedições aos Himalaias, o Garuda tinha as paredes cobertas de fotografias autografadas de alpinistas famosos que, ao longo dos anos, ali se tinham hospedado: Reinhold Messner, Peter Habeler, Kitty Calhoun, John Roskelley, Jeff Lowe. Ao subir as escadas que conduziam ao meu quarto, dei com um grande cartaz colorido no qual, sob o título «Trilogia Himalaia», se viam o Everest, o K2 e o Lhotse — respetivamente, a primeira, a segunda e quarta montanhas mais altas do mundo. Diante das imagens destes picos, surgia um homem barbudo e sorridente, equipado com toda a parafernália de ~~escalador~~. Uma legenda identificava o homem como Rob Hall; o cartaz, um anúncio da agência de Hall, a Adventure Consultants, comemorava a sua impressionante façanha de 1994, quando escalou os três picos em apenas dois meses.

turista H

Uma hora depois, conheci pessoalmente Hall. Tinha cerca de um metro e noventa de altura e era magro que nem um fuso. O seu rosto lembrava o de um querubim, mas ele parecia mais velho do que os seus trinta e cinco anos — talvez fosse por causa dos vincos muito marcados nos cantos dos olhos ou do ar de autoridade que transmitia. Vestia uma camisa havaiana e umas calças de ganga Levi's descoloridas com o símbolo do yin-yang bordado num dos joelhos. A sua rebelde cabeleira castanha serpenteava-lhe na testa e a barba estava a precisar de ser aparada.

Gregário por natureza, Hall revelou-se um hábil contador de histórias, dotado de um cáustico humor tipicamente neozelandês. Lançou-se numa longa anedota envolvendo um turista francês, um monge

na: «São só mais três quilómetros, sahib...»

*Passávamos o resto da tarde tranquilamente, enquanto o fumo pou-  
lava no ar parado, amaciando o crepúsculo, e as luzes bruxuleavam  
na crista onde acamparíamos no dia seguinte, e as nuvens obscure-  
ciam os contornos do caminho a seguir. Uma excitação crescente diri-  
gia repetidas vezes os meus pensamentos para a aresta oeste...*

*West Ridge*

*Também havia solidão quando o Sol se punha, mas, agora, as dúvidas  
já raramente regressavam. Sentia de imediato um profundo abatimen-  
to, como se toda a minha vida tivesse ficado para trás. Uma vez na mon-  
tanha, sabia (ou confiava) que isso daria lugar à concentração absoluta  
nas tarefas que se iriam sucedendo. Porém, às vezes, perguntava-me se  
fizera uma viagem tão longa para acabar por descobrir que aquilo que  
realmente buscava era algo que deixara para trás.*

Thomas F. Hornbein

*Everest: The West Ridge*

A partir de Lukla, o caminho para o Everest seguia para norte atra-  
vés do crepuscular vale do Dudh Kosi, um rio gelado, apinhado de  
fregulhos arredondados pela erosão, que se agitava ao sabor das  
chuvas que desciam dos glaciares. Passámos a primeira noite na aldeia  
Phakding, um grupo de meia dúzia de casas e albergues apinha-  
dos numa saliência de terreno plano numa encosta sobre o rio. O ar  
frio tornou-se invernosinho mal caiu a noite, e, de manhã, enquanto subia o  
caminho, uma capa de orvalho cintilava nas folhas dos rododendros.

Mas a região do Everest tem uma latitude norte de 28 graus — um nada acima dos trópicos — e, logo que o Sol subiu o suficiente para penetrar nas profundezas do vale, a temperatura registou uma forte subida. Ao meio-dia, depois de termos atravessado uma periclitante ponte pedestre suspensa a grande altura sobre o rio — era a quarta vez que o atravessávamos nesse dia —, o suor caía-me em bica do queixo e tive de reduzir o meu vestuário a uma *T-shirt* e uns calções.

Para lá da ponte, o caminho de terra abandonava as margens do Dudh Kosi e ziguezagueava pela escarpada parede do vale, ascendendo entre aromáticos grupos de pinheiros. Os pináculos de gelo, espetacularmente estriados, do Thamserku e do Kusum Kangru, trespassavam os céus a mais de três quilómetros de altitude em relação à nossa posição. A paisagem era majestosa e a sua topografia imponente, mas não era um local ermo — nem agora nem durante séculos.

Em cada pedaço de terra cultivável, podíamos ver socos plantados com cevada, trigo-sarraceno ou batatas. Havia fios com bandeirolas votivas suspensos entre as colinas e antigos *chortens*<sup>\*</sup> budistas e muros de pedra *mani*<sup>†</sup>, requintadamente esculpida, pareciam montar a guarda mesmo nas passagens mais altas. À medida que me afastava do rio, o caminho foi-se enchendo de caminantes, caravanas de iaques<sup>‡</sup>, monges vestidos de vermelho e sherpas descalços que lutavam duramente para caminhar sob fardos muito pesados de lenha e latas de querosene e refrigerantes.

Noventa minutos depois de ter deixado o rio, subi a uma ampla crista, passei por uma intrincada sucessão de currais de iaques com muros de rocha, e, abruptamente, dei por mim no centro de Namche Bazaar, o eixo social e comercial da sociedade sherpa. Situada 3445 metros acima do nível do mar, Namche ocupa uma grande depressão inclinada que faz lembrar uma gigantesca antena parabólica. Mais de uma centena de edifícios amontoam-se na encosta rochosa, unidos en-

\* Monumento religioso, normalmente feito a partir da rocha e contendo amidas relíquias sagradas; também lhe chamam *stupa*.

† Pequenas rochas planas em que foram meticulosamente gravados símbolos sânscritos que representam a invocação budista tibetana *Om mani padme hum* e que são amontoadas no meio dos caminhos, formando muros baixos e compridos. O protocolo budista prescreve que os caminantes devem passar sempre pelos muros *mani* pelo lado esquerdo.

‡ Na prática, a grande maioria dos «iaques» que vemos nos Himalaias são híbridos de iaques e vacas (o macho chama-se *dzopkyo* e a fêmea *dzom*). As fêmeas, quando são puro-sangue, chamam-se *naks*. Contudo, a maior parte dos ocidentais têm muita dificuldade em diferenciar estes animais e chamam a todos «iaques».

U  
|| Y V  
O caminhante americano, incapaz de compreender que aquela mulher da montanha de pele morena falava um inglês impecável, continuou a recorrer à sua cômica língua-de-trapos: «E-men-ta. Bom, bom. Sim, sim, nós querer ver a e-men-ta.» ←

Os sherpas continuam a ser um enigma para a maior parte dos estrangeiros, que tendem a encará-los de um prisma romântico. As pessoas que não estão familiarizadas com a demografia dos Himalaias imaginam amiúde que todos os nepaleses são sherpas, quando, na realidade, não há mais de vinte mil sherpas em todo o Nepal, uma nação do tamanho da Carolina do Norte que tem mais de 20 milhões de habitantes e conta com cerca de cinquenta grupos étnicos distintos. Os sherpas são um povo da montanha, budistas devotos cujos antepassados emigraram do Tibete há quatro ou cinco séculos. Há aldeias sherpas disseminadas por todos os Himalaias do leste do Nepal, e consideráveis comunidades sherpas em Sikkim e Darjeeling, na Índia, mas o coração do país sherpa situa-se em Khumbu, um punhado de vales em que desaguardam as águas das encostas sul do Everest — uma região pequena e incrivelmente acidentada, completamente desprovida de estradas, carros ou ~~todo~~ qualquer tipo de veículos com rodas. v.mtu

H Y  
Cultivar a terra é difícil nos vales elevados, frios e íngremes, de modo que a economia tradicional sherpa sempre esteve ligada ao comércio entre o Tibete e a Índia e à criação de iaques. Em 1921, os britânicos lançaram a sua primeira expedição ao Everest, e a sua decisão de contratarem nativos como ajudantes desencadeou uma transformação profunda na cultura sherpa.

7  
Como o reino do Nepal manteve as suas fronteiras fechadas até 1949, o primeiro reconhecimento do Everest e as oito expedições seguintes tiveram de abordar a montanha a partir do norte, atravessando o Tibete, de modo que nunca passaram por Khumbu. Mas essas nove primeiras expedições vinham de Darjeeling, para onde muitos sherpas tinham emigrado, ganhando entre os colonos a fama de serem afáveis, inteligentes e muito trabalhadores. Além disso, como tinham vivido durante gerações em aldeias situadas entre os 2000 e os 4200 metros de altitude, os sherpas estavam fisiologicamente adaptados aos rigores das altitudes elevadas. Por recomendação de A. M. Kellas, um médico escocês que fizera longas viagens e escaladas na companhia de sherpas, a expedição de 1921 contratou

ria das expedições posteriores.

Para o melhor e para o pior, durante as duas últimas décadas, a economia e a cultura de Khumbu tornaram-se crescente e irrevogavelmente ligadas ao afluxo sazonal de caminhantes e escaladores, dos quais cerca de quinze mil visitam anualmente a região. Os sherpas que aprenderam técnicas de escalada e subiram aos mais altos picos — sobretudo aqueles que conquistaram o Evereste — gozam de grande estima nas suas comunidades. Infelizmente, aqueles que alcançaram o estatuto de estrelas da escalada também correm o risco de perder a vida: desde 1922, quando sete sherpas morreram numa avalanche durante a segunda expedição britânica, um número desproporcional de sherpas perderam a vida no Evereste — ao todo, cinquenta e três, ou seja, mais de um terço de todas as vítimas mortais do Evereste.

Não obstante os riscos, há uma dura competição entre os sherpas para obterem um lugar nas expedições ao Evereste (que, normalmente, incluem entre doze e dezoito elementos desse povo). Os trabalhos mais procurados são os de escaladores experientes (cerca de meia dúzia), que podem esperar ganhar entre ~~1400~~ e ~~2500~~ dólares por dois meses de trabalho arriscado — um salário atraente numa nação atolada na pobreza e com um rendimento anual *per capita* de cerca de ~~160~~ dólares.

Para responder ao crescente tráfego de alpinistas e caminhantes ocidentais, surgiram novos alojamentos e casas de chá na região de Khumbu, mas o auge da construção tornou-se mais evidente em Namche Bazaar. No caminho para Namche, cruzei-me com um sem-número de carregadores que vinham dos bosques com vigas de madeira acabada de cortar, que deviam pesar mais de quarenta e cinco quilos — um trabalho fisicamente muito pesado, pelo qual recebiam apenas três dólares diários.

Visitantes de há muito tempo de Khumbu lamentam tristemente a explosão do turismo e a mudança que isso provocou naquele que os primeiros escaladores ocidentais consideravam um paraíso na Terra, um Shangri-La de verdade. Vales inteiros foram despidos de árvores para responder à crescente procura de lenha. É mais provável que os adolescentes que frequentam as salas de carrom/jogo-de-mesa com semelhanças com o bilhar vistam jeans e T-shirts dos Chicago Bulls do que os exóticos trajes tradicionais. E as famílias, nas suas

\* jogo de mesa ~~como~~ semelhante ao bilhar. (W.T.)

de esperança — até ao pico. A 4800 metros de altitude, tínhamos ido para trás todo e qualquer vestígio de vegetação. Vinte monu-  
os de pedra erguiam-se numa lúgubre fila ao longo da morena  
inal do glaciár, fitando o vale coberto de névoa: memoriais aos  
adores que tinham morrido no Everest, a maior parte dos quais  
as. Dali em diante, o nosso mundo seria uma árida extensão mo-  
omática de rochas e gelo batido pelo vento. E, apesar do nosso  
o de marcha comedido, comecei a sentir os efeitos da altitude:  
muita dificuldade em respirar e sentia-me zozzo.

n muitos sítios, o caminho estava sepultado sob uma capa de neve  
uma altura considerável. Quando o sol da tarde amaciava a ne-  
s nossos iaques perfuravam a crosta gelada e ficavam com neve  
ventre. Os condutores sherpas, furiosos, chicoteavam-nos para  
brigarem a avançar e chegaram a ameaçar voltar para trás. Mais  
t, chegámos a uma aldeia chamada Lobuje, onde nos protegemos  
ento numa pequena hospedaria cheia de gente e imunda.

lobuje, um conjunto de edifícios baixos e degradados que pare-  
apinhar-se contra os elementos na beira do Glaciár de Khum-  
era um local lúgubre, cheio de sherpas e escaladores de uma  
na de expedições diferentes, caminhantes alemães, rebanhos de  
es macilentos — para todos eles, o destino era o acampamento  
do Everest, que ainda ficava a um dia de caminho. Este engar-  
mento de gente, explicou Rob, devia-se às neves invulgarmente  
as e intensas, que, até um dia antes, tinham impedido os iaques  
lançarem o acampamento. A meia dúzia de albergues da aldeia  
va completamente lotada. Os poucos trechos de terra lamacenta  
não estavam cobertos por neve encontravam-se ocupados por  
as, apinhadas lado a lado. Numerosos grupos de carregadores  
: *tamang* procedentes dos contrafortes baixos — vestidos com  
pos e chinelas, trabalhavam como carregadores para várias ex-  
ções — passaram a noite em grutas e sob penhascos nas encos-  
róximas.

s três ou quatro retretes de pedra da aldeia estavam literalmente  
nsbordar de excrementos. As latrinas eram tão repugnantes que

imunda e cheia de  
gente H